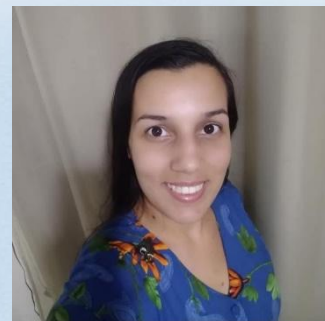


A INCLUSÃO ENTRE OS MUROS DA ESCOLA SOB MÚLTIPLOS OLHARES



INCLUSION WITHIN SCHOOL WALLS FROM MULTIPLE PERSPECTIVES

ALINE DA COSTA FERREIRA DOS SANTOS

Graduação em Pedagogia pela Faculdade Sumaré (2012); Especialista em Educação Infantil pela Universidade Metropolitana de Santos (2014); Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I – na EMEF Alexandre de Gusmão, Professor de Ensino Fundamental I.

RESUMO

Este trabalho tem como tema A inclusão entre os muros da escola sob múltiplos, olhares, na qual verificaremos de que forma está acontecendo à inclusão desses alunos, partindo do pressuposto que as escolas estão apenas acolhendo os alunos com deficiência e não os incluindo. Ao realizar esta pesquisa veremos quais são os fatores que dificultam a inclusão, e através de autores que falam sobre tema, poderemos ver de que forma a inclusão deve ser realizada nas escolas. Para verificar como a inclusão está sendo proposta pelas escolas regulares, observaremos algumas escolas que atendem essas crianças e faremos entrevista com professores e alunos estagiários do CEFAI (Centro de Formação e Acompanhamento à Inclusão), a fim de conhecer a fundo as dificuldades desses profissionais. Buscaremos subsídios nas autoras Maria Teresa Egler Mantoan e Rosita Edler Carvalho para comprovar que a inclusão de alunos com deficiência pode ser mais que um acolhimento, para que a inclusão as escolas regulares possam incluir de fato esses alunos.

Palavras-chave: Inclusão; Ensino regular; Aluno; Deficiência; Professores

ABSTRACT

This paper focuses on inclusion within school walls from multiple perspectives, in which we will examine how the inclusion of these students is taking place, based on the assumption that schools are merely accepting students with disabilities rather than including them. In

conducting this research, we will examine the factors that hinder inclusion, and through authors who discuss the topic, we will be able to see how inclusion should be implemented in schools. To verify how inclusion is being proposed by regular schools, we will observe some schools that serve these children and interview teachers and student teachers from CEFAl (Center for Training and Monitoring Inclusion) in order to gain an in-depth understanding of the difficulties these professionals face. We will seek support from authors Maria Teresa Egler Mantoan and Rosita Edler Carvalho to prove that the inclusion of students with disabilities can be more than just welcoming them, so that inclusion in regular schools can truly include these students.

Keywords: Inclusion; Regular education; Student; Disability; Teachers

INTRODUÇÃO

A inclusão é um tema que vem ganhando espaço cada vez mais nas discussões que dizem respeito ao ambiente escolar.

Com base na Revista Nova Escola (2009) até a segunda metade do século 20, crianças portadoras de deficiências ainda eram vistas como doentes que necessitavam somente de atenção à saúde, as escolas eram preparadas sem a intenção de aceitar as reais necessidades destes alunos. Em função das atuais expectativas sociais, a inclusão nas escolas tem se voltado para novas formas de educação escolar visando cada vez mais atividades para estes alunos, esta ideia acelerou-se a partir dos anos 90 quando a Educação Inclusiva foi reconhecida como diretriz educacional prioritária no Brasil e em outros países.

O tema foi escolhido para que pudéssemos constatar como está sendo feita a inclusão nas instituições de ensino, e verificar se a inclusão acontece de forma apropriada e quais são os fatores que estão contribuindo para o fracasso do sistema de inclusão.

Podemos perceber que a inclusão de crianças especiais não acontece, o que realmente acontece é acolhimento, pois as crianças não recebem a atenção necessária para que possa progredir, isso nos motivou a buscar respostas para nossa inquisição: por que acolhemos e não incluimos?

Esperamos que com esta pesquisa, possamos auxiliar os profissionais da educação que trabalham com crianças especiais e contribuir para que nossas escolas possam incluir de fato esses alunos.

Nossa pesquisa tem como tema “A Inclusão entre os muros da escola sob múltiplos olhares”, na qual pretendemos analisar como é realizada a inclusão nas escolas de ensino regular, observando assim quais são as dificuldades que os professores possuem para realizar a inclusão de alunos especiais.

Segundo a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) “os sistemas de educação devem ser planejados e os programas educativos implementados tendo em vista a vasta diversidade destas características e necessidades, as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares”.

Ao observar que a inclusão não acontece de forma adequada, pois muitas vezes os alunos especiais são apenas acolhidos, partimos em busca de respostas para auxiliar os professores a realizar a inclusão efetivamente.

Nossa pesquisa será embasada por alguns teóricos: Maria Teresa Egler Mantoan (2003), e Rosita Edler Carvalho (2011), buscaremos subsídios para auxiliar e propor uma inclusão mais eficaz.

Compreendemos que na formação dos professores a disciplina “Educação Inclusiva”, acaba sendo superficial quando os professores se deparam com a inclusão no dia a dia,

fazendo se necessários estudos e especializações acerca do assunto, para aprimorar a prática docente.

Infelizmente esta é a realidade que vivemos. Apesar do grande aumento de matrículas de crianças que apresentam deficiências, como nos mostra o Censo Escolar do MEC- Ministério da Educação, não há respaldo do governo, da instituição e de nenhum outro programa que desenvolva atividades e cursos para a preparação e capacitação dos professores.

Este problema gerado pela falta de preparo profissional, uma vez que não somos formados para trabalhar especificamente com crianças especiais, levando em conta que existe múltiplas deficiências e cada uma possui a sua particularidade, sendo assim não podemos generalizar essas deficiências.

A inclusão é um assunto que vem sendo cada vez mais discutido nas escolas e um sistema que vem sendo implantado nas salas de aula, porém na prática o que está presente na maioria das escolas não é a inclusão mais sim o acolhimento, uma vez que incluir é segundo o dicionário “compreender, abranger, fazer parte” (Aurélio,2001); e acolher é “atender, receber”(Aurélio,2001, pp.410-16).

Outro fator importante que nos faz pensar o porquê do sistema falho da inclusão pode ser, a falta de materiais adequados para cada tipo de deficiência nas escolas, dificultando ainda mais o trabalho do educador e a aprendizagem do aluno.

Quando se fala em inclusão educacional, supõe-se que este processo é unicamente sustentado pelo professor e que a ele se deve a total responsabilidade pelo seu sucesso ou fracasso. A aprendizagem do aluno depende sim da prática pedagógica que é aplicada em sala, porém, não podemos nos esquecer de que apenas modificar estas práticas não ajuda no processo de inclusão. Há um trecho da declaração de Salamanca (1994) que diz: “A preparação adequada de todo pessoal da educação constitui um fator-chave na promoção do progresso em direção às escolas inclusivas”.

Sendo assim, queremos entender o porquê da exclusão e muitas vezes do acolhimento ao invés da inclusão, pois como podemos ver, a educação deve estar acessível a todas as crianças com necessidades especiais, como reza o Art.5 da DECLARAÇÃO DE SUNDERBERG, “todas as pessoas com deficiência, devem ter acesso aos programas educacionais, sociais e culturais adaptados às suas necessidades” .

A INCLUSÃO NAS ESCOLAS

A inclusão das crianças em ensino regular é um tema que vem ganhando espaço dos debates, pois é um assunto atual e polêmico, devido à inclusão nem sempre acontecer de fato e devido à discussão da importância do ensino especializado e das carências da inclusão no ensino regular.

Para compreender melhor a educação inclusiva embasaremos nossa pesquisa em alguns autores como Maria Teresa Egler Mantoan (2003) e Rosita Edler Carvalho (2011).

Maria Teresa Egler Mantoan (2003) é uma das maiores defensoras da educação inclusiva no Brasil, ela é crítica convicta das chamadas escolas especiais. Iniciou sua carreira como professora de educação especial, embora não achassem possível educar alunos com necessidades especiais em uma turma regular, como muitos pensam.

Para Mantoan (2003) a inclusão é conviver e aprender com as diferenças, é acolher sem exceções, é estar e interagir com o outro, para que se possam vencer os preconceitos e para que todos possam ocupar seu lugar na sociedade independente de ser ou não deficiente.

Segundo a autora para uma escola ser inclusiva ela deve ter um bom projeto pedagógico, a escola precisa envolver toda a sua equipe, alunos e pais, deve valorizar a cultura, a história e as experiências de seus alunos, rever suas práticas pedagógicas e executar adaptações físicas.

Muitos pensam que as crianças especiais devem ser atendidas em instituições especializadas, privando o aluno do ensino regular, o que acaba ocasionando a exclusão, os alunos precisam ter um atendimento especializado, mas este não deve substituir o ensino regular.

A nossa Constituição da República Federativa do Brasil (1988) elegeu como fundamentos da República a cidadania e a dignidade da pessoa humana:

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I - A soberania;

II - A cidadania;

III - a dignidade da pessoa humana;

IV - Os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

V - O pluralismo político.

Parágrafo único. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição.

Art. 2º São Poderes da União, independentes e harmônicos entre si, o Legislativo, o Executivo e o Judiciário.

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I - Construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II - Garantir o desenvolvimento nacional;

III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV - Promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Mas é sabido que a maioria dos professores que atuam na escola regular apresenta uma grande dificuldade de reconhecer ou de aplicar a inclusão na escola com as práticas do dia a dia, devido a sua falta de preparo para a integração desses alunos em sala.

É fácil receber os “alunos que aprendem apesar da escola” e é mais fácil ainda encaminhar esse aluno, para as classes e escolas especiais, os que têm dificuldades de aprendizagem e, sendo ou não deficientes, para programas de reforço e aceleração. por meio dessas válvulas de escape, continuamos a discriminar os alunos que não damos conta de ensinar, estamos habituados a repensar nossos problemas para outros colegas ,os “especialistas” e ,assim não recai sobre nossos ombros o peso de nossas limitações profissionais. (Mantoam, 2003 p.28)

Apesar desta constatação a inclusão é um assunto muito discutido no âmbito educacional, isto se dá porque é um tema muito polêmico no âmbito escolar.

Segundo Mantoam (2003) a escola tem que ser o reflexo da vida do lado de fora, pois para ela o grande ganho para todos é viver a experiência da diferença, a autora nos leva a refletir sobre os estudantes que não passa por esse processo na infância, mais tarde na sua vida adulta como irão vencer os preconceitos.

Para ela a inclusão possibilita aos alunos que são discriminados pela sua deficiência, pela classe social ou pela cor que por direito ocupem o seu espaço na sociedade. Porque se isso não ocorrer essas pessoas serão sempre dependentes e terão uma vida cidadã pela metade.

As escolas que reconhecem e valorizam as diferenças têm projetos inclusivos de educação e o que ministram difere radicalmente do proposto para atender as especificidades dos educados que não conseguem acompanhar seus colegas de turma por problemas que vão desde as deficiências até as outras dificuldades de natureza relacional, motivacional ou cultural do aluno. (Mantoam, 2003 p.61)

De acordo com Mantoam (2003) toda criança precisa da escola para aprender e não para marcar passo ou ser segregada em classes especiais e atendimentos à parte. A trajetória escolar não pode ser comparada a um rio perigoso e ameaçador, em cujas águas os alunos podem afundar. Mas há sistemas organizacionais de ensino que tornam esse percurso muito difícil de ser vencida, uma verdadeira competição entre a correnteza do rio e a força dos que querem se manter no seu curso principal.

Essa observação da autora nos leva a refletir sobre a importância de as escolas regulares procurarem facilitar o percurso dessas crianças, que muitas vezes já sofreram demais com suas deficiências e limitações, portanto é dever da escola tornar esse trajeto mais prazeroso e rico de experiências.

Percebe-se que a inclusão está em um processo de conscientização, as pessoas estão se conscientizando que é necessário incluir os alunos no ensino regular, para extinguir o preconceito e facilitar a inserção de pessoas especiais na sociedade, pois são pessoas que possuem direitos como qualquer outra.

Freire (1994) comenta que um caminho a ser seguido pelas escolas regulares seria trabalhar as semelhanças dos alunos e não só as diferenças.

O caminho para assumir-se como maioria está em trabalhar as semelhanças entre si e não só as diferenças e assim, criar a unidade na diversidade, fora da qual não vejo como aperfeiçoar-se e até como construir-se uma democracia substantiva, radical (Freire, 1994, p.154).

Mantoam (2003) afirma que a aparente fragilidade das pequenas iniciativas tem sido suficiente para enfrentar, com segurança e otimismo, o poder da velha e enferrujada máquina escolar e ressalta que a inclusão é um sonho possível.

Rosita Edler Carvalho (2011) além de autora de diversos livros sobre a inclusão, já lecionou para as séries iniciais com crianças especiais, que segundo ela a escola é marcada por desigualdade e discriminações, vencer esses obstáculos é maior dificuldade para que a escola possa ser inclusiva.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN 9.394/1996 :

Do Direito à Educação e do Dever de Educar

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

[...]

III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino;

[...]

A ideia de educação inclusiva possui opiniões divergentes, enquanto uns encaram como um progresso com relação à consciência e os direitos humanos, outros encaram com temor, tanto pais como professores, para os pais a escola não irão contribuir para que seu filho se desenvolva, alegando que ultimamente as escolas não têm dado conta de seus alunos “normais”, outros dizem que com a inclusão o professor dará mais atenção ao aluno especial, “atrasando” o aluno dito normal.

Com relação aos professores muitos ainda são contra a inclusão das crianças especiais no ensino regular, alegam que não tem experiência nem formação para tal, uns embora não concordam com a educação inclusiva, aceitam a fim de evitar desavença com a direção da escola, os professores não percebem a oportunidade de trabalhar com a diversidade como um desafio e uma experiência enriquecedora.

Fica claro que a simples inserção de alunos com necessidades educativas especiais, sem nenhum tipo de apoio ou assistência aos sistemas regulares de ensino, pode redundar fracasso, na medida em que esses alunos apresentam problemas graves de qualidade, expressos pelos altos níveis de repetência, de evasão e pelos baixos níveis de aprendizagem (Bueno, 1999, P.13).

De acordo com Rosita (2011) o termo mais próximo de inclusão na nossa realidade e a integração, ou seja, é introduzir os alunos especiais no ensino regular, gerando um equívoco, pois as pessoas pensam que inserir os esses alunos no ensino regular é suficiente, esquecendo-se que é necessário apoio para a integração (interação), a simples ação de acolher não quer dizer que haverá interação, pois o educando pode ser acolhido e ficar em um canto da sala de aula isolado, dessa forma nenhuma interação acontece.

Ao incluir alunos especiais no ensino regular é necessário um apoio especializado tanto para os pais quanto para os professores, sem esse apoio o aluno é apenas acolhido, tido como uma matrícula a mais para escola, uma carteira a mais na sala de aula e como já foi dito anteriormente além de ser incluído o aluno especial necessita interagir com os demais alunos, pois segundo Vygotsky (1989 apud Oliveira, 1992, p.24) o aluno aprende através da interação com outras pessoas e meios.

[...] “Uma turma heterogênea serve como oportunidade para os próprios educandos conviverem com a diferença e desenvolverem os saudáveis sentimento de solidariedade orgânica.” (CARVALHO, 2011, p. 27) A inclusão é benéfica tanto para os alunos especiais no qual passam a ocupar mais espaço na sociedade e ter acesso à igualdade na educação quando são inseridos na escola regular, quanto para os demais educando que aprendem a respeitar e conviver com as diferenças de forma harmoniosa.

Uma escola inclusiva trabalha para garantir a igualdade de valor e direitos, e da equidade que é promover uma educação de qualidade na qual as diferenças não impeça a aprendizagem, vai do “eu” para um “todo nós”, deve trabalhar além da perspectiva dos alunos especiais, trabalha para o desenvolvimento de todos sem exceções, independente da etnia, classe social, gênero, ou qualquer outra distinção.

Uma escola inclusiva não “prepara” para a vida. Ela é a própria vida que flui devendo possibilitar, do ponto de vista político, ético e estético, o desenvolvimento da sensibilidade e da capacidade crítica e construtiva dos alunos-cidadãos que nela estão, em qualquer das etapas do fluxo escolar ou das modalidades de atendimento educacional oferecidas. (CARVALHO, 2011.p.34)

A escola independente de ser inclusiva, quando cumpri seu papel efetivo ela não prepara o aluno para a vida , ela já é a vida para os educandos ao possibilitar aprendizagens de cunho político, ético

e estético, ela tem função de formar alunos-cidadãos críticos e pensantes no qual saibam e reconhecem seus direitos e deveres, a escola deve ensinar a viver e conviver com a diversidade.

As escolas precisam vencer as barreiras, utilizar toda e possível estratégia para atingir seu objetivo, que é ensinar tudo a todos, é promover interação, socialização, permitir ao aluno especial à participação ativa em todo o processo de ensino-aprendizagem e compreender que esse processo vai muito além dos espaços físicos das escolas.

Carvalho (2011, p.35) aponta como função da escola inclusiva os seguintes pontos:

- desenvolver culturas, políticas e práticas inclusivas, marcadas pela responsividade e acolhimento que oferece a todos os que participam do processo educacional escolar;
- promover todas as condições que permitam responder as necessidades educacionais especiais para a aprendizagem de todos os alunos de sua comunidade;
- criar espaços dialógicos entre os professores para que, semanalmente, possam reunir-se como grupos de estudo e de troca de experiências;
- criar vínculos mais estreitos com as famílias, levando-as a participarem dos processos decisórios em relação à instituição e a seus filhos (as);
- estabelecer parcerias com a comunidade sem intenção de usufruto de benefícios e apenas sim para conquistar a cumplicidade de seus membros em relação às finalidades e objetivos educativos;
- acolher a todos os alunos, oferecendo-lhes as condições de aprender e participar;
- operacionalizar os quatro pilares estabelecidos pela UNESCO para a educação deste milênio: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a viver junto e aprender a ser, tendo em conta que o verbo é aprender;
- respeitar as diferenças individuais e o multiculturalismo entendendo que a diversidade é uma riqueza e que o aluno é o melhor recurso de que o professor dispõe em qualquer cenário de aprendizagem;
- valorizar o trabalho educacional escolar, na diversidade;
- buscar todos os recursos humanos, materiais e financeiros para a melhoria da resposta educativa da escola;
- desenvolver estudos e pesquisas que permitam ressignificar as práticas desenvolvidas em busca de adequá-las ao mundo em que vivemos.

O que a autora propõe não é uma receita a seguida, mas sim sugestões para que as escolas se tornem inclusivas, percebemos aqui que é necessário envolver toda a comunidade escolar para incluir os alunos especiais e que a inclusão vai além das adaptações do espaço físico da escola, é preciso rever toda a nossa cultura, política e práticas educacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo compreender como está acontecendo o processo de inclusão das crianças especiais, nas escolas públicas regulares do Estado de São Paulo. Contamos para tanto

com as entrevistas realizadas a pessoas que estão envolvidas de alguma forma nesse processo, as entrevistas nos serviu de subsídios e ajudaram a compreender melhor a importância de as escolas desenvolverem um bom trabalho nesse processo de inclusão tão delicado que mexe com todos envolvidos. O presente trabalho procurou compreender as múltiplas visões sobre a inclusão escolar como a visão dos professores desses alunos, a do aluno com necessidade educacionais especiais E atravessando os muros da escola, chegando aos pais desses alunos em questão. Um dos aspectos mais significativos dos relatos nas entrevistas foi perceber que escolas de uma mesma região estão trabalhando de maneiras diferentes em quanto uma está fazendo só o acolhimento dessas crianças, outras estão comprometidas de fato com a inclusão desses alunos e estão trabalhando para melhorar cada vez mais o atendimento desse público na escola.

O diálogo entre os autores estudados durante este trabalho, permitiu entender os motivos que levam essa variação entre uma escola e outra, pois muitas vezes a equipe escolar não teve nenhum apoio de recursos Humanos e nem material para atender esse público com qualidade que merece.

Ao ler as narrativas e compreendê-las, percebemos que muitas vezes os professores ainda se sentem despreparados para trabalhar com alunos especiais, mas muitos já estão buscando apoio com a própria família do aluno, fazendo uma parceria entre a escola e a família. Ao vivenciamos a inclusão de crianças especiais percebemos que está acontecendo de uma forma muito lenta, mas que ela está ganhando cada vez mais força nas escolas regulares, pois antes estas crianças eram apenas segregadas em instituições ditas “especializadas”, fazendo assim uma verdadeira exclusão dessas crianças”. Hoje as crianças especiais já têm seu direito garantido por lei, de frequentar uma escola regular.

Percebemos que isso tem sido um grande avanço tanto para as crianças especiais quanto para as outras dando a oportunidade de elas progredirem e conviverem na pluralidade e diversidades do que parece ser diferente a muito a se fazer, mas o que foi feito teve um grande avanço para todos os envolvidos nesse processo de Inclusão.

REFERÊNCIAS

BUENO, J. G. Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas. Revista Brasileira de Educação Especial, vol. 3. n.5, 7-25, 1999.

ALVES, MARIA DOLORES FORTES. Favorecendo a inclusão pelos caminhos do coração: complexidade, pensamento ecossistêmico e transdisciplinaridade. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

OLIVEIRA, MARTA KOHL DE; LA TAILLE, YVES DE; DANTAS, HELOYSA. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992, ed.9.

MANTOAN, MARIA TERESA EGLÉR. Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?. São Paulo: Moderna, 2003.

CARVALHO, ROSITA EDLER. Educação Inclusiva com os pingos nos “is”. Porto Alegre, 2011, ed.8.

FERREIRA, AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA. Mini Aurélio: O minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, 2001, ed.5.

FREIRE, PAULO. Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro, 1994, ed.3.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 Lex: Leis de Diretrizes e Bases da educação Brasileira (LDB), Brasília, 1996.

BRASIL. Constituição (1988).. Lex : Dos princípios fundamentais.

SEVERINO. Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª edição Revista e Ampliada. São Paulo. Cortez, 2007.

PARO, Vitor Henrique. **Administração escolar: Introdução crítica**. 11.ed.São Paulo.Editora Cortez,2002